

Nosso lar, nossa escola

ALBA VALDEZ

Eu e meus irmãos (éramos quatro, um menino e três meninas) fomos nascidos e criados sob um regimen patriarcal severo.

Parte da infância e da adolescência passamos nesse ângulo da rua Santa-Isabel, sacudido pelo rodar do bonde que fazia alternativamente a linha da "Fábrica de Fiação e Tecidos Pompeu" e do antigo matadouro, e onde meu pai possuía uma loja de secos e molhados, que, com algumas pequenas propriedades de aluguel, nos proporcionava regular existência.

Por essa época, a rua de Santa-Isabel apresentava um aspecto muito mais modesto do que hoje.

O maior número das suas construções constava de casuchas de taipa com biqueiras, que, por ocasião das chuvas, formavam cachoeiras em miniatura e debaixo das quais se vinham banhar os filhos pequenos dos moradores, soltando exclamações e gritos de alegria.

Iam, às vezes, até o meio da rua, despidos como estavam, dando pinotes, e voltavam do mesmo modo, aos chamados irritados das mãis, que, entre ralhos e tapas, os botavam para dentro.

As casuchas, habitadas por trabalhadores e operários, como que envergonhando-se do seu pauperismo, retraíam-se atrás das casas maiores, de tijolo, que se erguiam, altaneiras, dentro do alinhamento. Na frente das outras, estas assumiam o ar de donas da rua.

Aí, nesse trecho de arrabalde de Fortaleza, a existência decorria sossegada, tão sossegada, que realmente se tornava monótona. Principalmente para nós, eu e meus irmãos, filhos do maior negociante da redondeza, o qual nutria idéias especiais sobre a educação doméstica.

Uma dessas idéias era que a família devia viver dentro de casa, afastada quanto possível do bulício exterior, de certas vizinhanças em que ele assinalava desgostos e perigos. Boa romaria faz quem em sua casa está em paz.

Como se vê, meu pai era um produto lídimo dessa civilização que filósofos e sociólogos modernos incluem no ciclo que denominam de — ciclo agrícola.

Homem do campo, apesar de longa permanência, manifestou-se sempre um desambientado na metrópole da sua província, apostrofando a seca de 77, que o tangeu para fora do ar livre e oxigenado das suas lavras e da sua fazenda de gados em S.-Francisco da Uruburetama.

E se para lá não regressou, ao cair das chuvas do ano de 1880, foi porque pensou inteligentemente nos filhos a educar.

Jamais deixou, porem, a rígida influência da tradição do conservantismo rural, porventura a linha mais nítida do seu carater.

O nosso tempo de meninos repartia-se entre a escola e o lar. Brincar ? Brincávamos, conforme as instruções paternas, dentro de casa, com as nossas bonecas, lendo livros de histórias, depois de estudadas as lições do dia seguinte.

Para o nosso irmão, meu pai mandou armar no quintal, num cajueiro frondoso, de galhos que varriam o chão arenoso, um trapézio, de que nós, as meninas, nos utilizávamos, às escondidas, dando cada balanço que fazia medo.

De tardezinha, era mais que certo, bem banhados e penteados, roupa mudada, sentarmo-nos à calçada, muito quietos nas cadeiras, com maneiras de gente grande.

Daí a pouco escurecia e a meninada das casinhas de taipa começava a ajuntar-se para o outro lado, no quartirão sem calçamento, e colocando-se em círculo, aos pulos, tocava a cantar, dansando, as cantigas de roda.

Que animação ! E que vontade que nós tínhamos de abandonar as cadeiras, saltar para a areia, misturar-nos com o pessoalzinho que se divertia, rodar com ele, cantar com ele a cantiga da "Senhora Dona Cãida" :

Senhora dona Cãida,
Coberta de ouro e prata,
Descubra o seu rosta,
Que queremos ver-lhe a cara.

Mas não experimentávamos essa delícia e às 8 horas, pouco mais ou menos, quer tivéssemos sono, quer não, re-

colhíamos-nos para dormir. Era a lei. Dormir cedo e acordar cedo, condições precípuas de saúde, de vigor.

O horário escolar começava às 9 horas da manhã e terminava às 2 da tarde. Antes da saída, cada um de nós recebia de minha mãe dois vintens, destinados à merenda na escola.

Dinheirão naquele tem, de câmbio a 27! O Brasil comprava então, a preço vil, comparado com o atual, a libra esterlina. Com 40 réis enchíamos de bananas e laranjas as nossas cestas, que esbarrotavam. Por consideração alguma, queríamos perdê-los, esforçando-nos porque as nossas escritas não fossem desvalorizadas nem por M nem por P (*Mau, Péssimo*).

A escrita era uma folha de papel almaço, contendo exercícios de caligrafia nos três tipos, bastardo, bastardinho e cursivo, questões de aritmética, de português e de outras matérias constantes do ensino primário. No espaço em branco, à semelhança do que se observa em officios e petições, a professora, com a pena, rasgava as notas, designadas pelas iniciais dos nomes das mesmas: O, ótimo; B, bom; S, sofrível; M, mau; P, péssimo.

Ainda me lembro — e como havia de o esquecer? — que a grafia do M e do P se representava por um desenho espetaculoso, berrante, porque traçado com a potencialidade da pena molhada, como que um sublinhado afim de chamar a atenção do aluno preguiçoso e sem gosto.

Um dia, em que não houve aula, meu pai mandou-nos chamar à loja e, assim que nos apresentamos, explicou-nos que desejava saber qual de nós lia mais corrente.

Íamos voltar nas mesmas pisadas para trazer os nossos livros, mas avisou-nos que se tornava desnecessário, ali havia cousa que os substituiu perfeitamente. E foi-nos indicando os letreiros de garrafas, caixas, latas, sacos, pacotes.

Era um processo original de examinar leitura, tanto mais que os dizeres das embalagens e envoltórios das mercadorias estrangeiras se exprimiam nos idiomas dos lugares de origem.

Percebendo o nosso atarantamento, sorriu gostosamente. Pronunciássemos as palavras como se achavam escritas. Procedendo assim, obedecia a um critério muito seu de julgar o nosso adiantamento. Critério absolutamente inédito.

A prova, realizada nos intervalos em que não apareciam fregueses, decorria divertida. Que complicação no de-

letrear os rótulos das caixas de fósforos, que eram importados da Noruega ou da Suécia! Ou desta ou daquela, não erro. Naquele tempo, dando-se a lição de países da Europa, enunciava-se: "Reino da Suécia e Noruega, capitais Estocolmo e Cristiânia." As palavras que víamos nos rótulos eram abundantes de grupos consonantais e muitas se pontilhavam de tremas. *John's Köpings* ... Sei lá... Sei lá... Conservo de cor o letreiro, pronunciando, entretanto, as palavras a meu modo, mas só para mim. Esse fato, na aparência irrisório, incutiu-me mais tarde o desejo de aprender linguas.

O singular exame de leitura a que acabávamos de submeter-nos calou bem no espírito de meu pai. Conversando com minha mãe, após o jantar, ele fez boas referências à nossa agilidade intelectual. Virgem! Reaplandecíamos de alegres!

— Já era tempo de dizermos qual a nossa vocação — insinuou meu pai, deitando significativo olhar para minha mãe.

O primeiro a ser auscultado foi o menino, que ficou indeciso, olhar parado, sem responder. Assaltá-lo-ia o pressentimento de que desapareceria cedo? Eu respondi logo que desejava ser professora. Meu pai aprovou calorosamente a idéia:

— Sim, senhora! Ótima ocupação para mulher. Não via outra que se lhe avantajasse. E vocês?

Minhas irmãs, sorrindo manhosamente, baixaram os olhos.

Muitos anos depois, evocando esse, entre outros fatos da nossa infância, elas explicaram o seu silêncio naquele momento. Se não temessem faltar com o respeito a meu pai, ter-lhe-iam respondido que a sua vocação era o casamento... E não brincavam. Eu também falava sério, tanto que, terminado o curso primário, entrei para a Escola Normal. Era um chuvoso dia do princípio de Março.

(Do livro inédito "Alguns resgistos da minha vida")
